



Para o Guardian e a BBC Israel nunca tem razão

(Adam Levick, Algemeiner, 24.09; Matt Murphy, BBC, 20.09; Corey Walker, 23.09, Algemeiner; Camila Turner, Sunday Telegraph-R.U.,07.09)

O editorial do diário Guardian (Reino Unido) do dia 18.09 classificou o uso por Israel dos explosivos nos pagers e walkie talkies do Hezbolá como “crimes de guerra...que foram claramente destinados a atingir civis – diplomatas e políticos – que não estavam participando diretamente das hostilidades”. O editorial citou o Artigo 52 dos Protocolos Adicionais da Convenção de Genebra, que “proíbe o uso de armadilhas no formato de objetos portáteis aparentemente inofensivos e especificamente destinados e construídos para conter material explosivo”.

Embora o Guardian seja um jornal de esquerda, politicamente solidário com o Hamas e o Hezbolá, não se poderia esperar que recorresse a fake news num editorial destinado a leitores do nível educacional e de politização de um país como a Grã-Bretanha.

Com efeito, já está demonstrado que os portadores desses meios de comunicação específicos são (ou eram) os dirigentes e militantes do Hezbolá. A BBC, que tampouco nutre simpatias por Israel, publicou que os pagers teriam provocado 3.000 feridos e 32 mortos (sendo duas crianças) e os walkie talkies 450 feridos e 20 mortos, não mencionando nenhum civil. Foi igualmente divulgado que o único “diplomata” ferido era o embaixador do Irã, um general do “Corpo da Guarda Revolucionária”, que obviamente usava o pager para coordenar-se com o Hezbolá.

A segunda mentira do Guardian está na citação falsificada da Convenção de Genebra, cujo Artigo 52 diz que o uso militar de instrumentos de comunicação é permitido “em circunstâncias em que os objetos em questão não são mais usados para fins civis”. É o mesmo princípio da autorização dada pela Convenção no caso de instalações civis, como hospitais e escolas, quando utilizadas para fins militares por uma das partes.

O Guardian omitiu ainda que a ação israelense resulta do fato de que o Hezbolá lançou mais de 8.500 foguetes contra Israel desde o dia 8 de outubro de 2023, que mataram 47 pessoas, a maioria civis, inclusive 12 crianças jogando futebol e, como resultados desses ataques, 60 mil israelenses tiveram de abandonar o norte do seu país. Da mesma forma, deixou de mencionar que o Hezbolá ocupa ilegalmente uma área contígua ao território israelense para facilitar suas agressões (ver adiante).



Ainda em matéria de má-fé jornalística, o diário britânico Daily Telegraph de 08.09 publicou uma estatística sobre as 1.553 vezes em que a BBC descumpriu as suas próprias normas éticas na cobertura da guerra entre Israel e o Hamas.

O levantamento foi feito por uma equipe de 20 advogados e 20 estatísticos (data scientists), dirigidos pelo advogado britânico Trevor Asserson e compreendem (apenas) os primeiros 4 meses do conflito. O estudo revela que Israel foi associado a “genocídios” 14 vezes mais do que o Hamas (283 x 19) na sua cobertura da guerra; que a BBC repetidamente reduziu o papel do terrorismo do Hamas enquanto apresentou Israel como uma nação militarista e agressiva; que alguns jornalistas usados pela BBC na cobertura do conflito haviam previamente mostrado simpatia pelo Hamas e até celebrado seus atos de terrorismo; e que os próprios membros do Hamas filmaram a si próprios e divulgaram como cometeram crimes de guerra, inclusive captura de reféns, assassinatos, torturas e estupro ou violência sexual. Apesar disso Israel foi acusado pela BBC de crimes de guerra 4 vezes mais do que o Hamas (127 x 30) e de descumprir o direito internacional 6 vezes mais do que o Hamas (167 x 27).

(Nota da Redação: O caso da BBC ainda apresenta a peculiaridade de que ela ignorou, em grande escala, as suas próprias diretivas, que constam de um documento de 366 páginas e são tão abrangentes que mereceriam constituir material didático das escolas de comunicação de qualquer país democrático.

Cabe lembrar que as narrativas de boa parte da grande mídia ou mídia tradicional nunca estiveram invariavelmente “acima de qualquer suspeita”, mas parece que o ambiente descontrolado e radicalizado das redes sociais, com as quais ela compete por consumidores e anunciantes, acaba exercendo certa influência sobre o universo das comunicações, tornando mais tolerante o recurso às notícias falsas e às análises e interpretações distorcidas dos fatos.

Israel não é a única vítima dessa manipulação da opinião pública, mas é sintomático que seja objeto de ataques mais intensos e frequentes, na mídia e redes sociais, nas ruas e nas universidades, do que, por exemplo, a Rússia pela sua invasão da Ucrânia, um caso clássico de conquista territorial, perfeitamente análogo ao que fizeram a Alemanha, a Itália e o Japão durante a II Guerra Mundial, enquanto Israel trava uma guerra defensiva contra uma coligação de forças liderada pelo Irã e cujo objetivo declarado é a eliminação do seu estado e o genocídio de seus habitantes.

Durante décadas após o fim da II Guerra Mundial a mídia e jornalistas ou analistas no Ocidente, interessados em agradar aos países árabes e à URSS, foram sistematicamente hostis a Israel, mas procurando evitar uma linguagem que pudesse aparentar-se ao antissemitismo, sendo que essa fronteira tem sido ultrapassada, conforme demonstrado pela definição de antissemitismo da Aliança Internacional da Recordação do Holocausto).



O irrealismo americano frente à atual guerra no Oriente Médio

(Walter Russel Mead, Wall Street Journal, 23.09)

Os emissários do Presidente Biden continuam a instar todas as partes do atual conflito a reduzir a violência. Ninguém está escutando. Biden tentou e falhou na tentativa de obter que o Irã volte a participar do acordo nuclear.

Ele tentou e falhou em obter um novo diálogo entre Israel e os palestinos. Tentou terminar a guerra civil no Iêmen por meio da diplomacia e quando isso não deu certo e os Houthis começaram a atacar os navios no Mar Vermelho, ele procurou uma solução para esse problema e falhou de novo.

Durante quase um ano a equipe de Biden investiu todo o seu esforço diplomático para mediar um cessar fogo entre Israel e o Hamas. Repetidamente os membros do seu governo anunciaram progressos na obtenção de um acordo e reconheceram em privado que as possibilidades de alcançá-lo durante os meses restantes do mandato desse presidente eram escassas.

Os Estados Unidos buscam preservar uma “ordem regional” que depende de um tipo de projeção do poder americano que o presidente desesperadamente quer evitar. As metástases dos conflitos no Oriente Médio são a consequência natural e inevitável das próprias políticas de Biden. Na medida em que a América se retira, ou tenta se retirar da região, sua influência diminui. Quanto menos confiável os EUA parecem, menos valor se atribui às suas promessas de apoio e menos se teme o seu poder.

(N. da R.: Ao longo da história, os Estados Unidos sempre tiveram uma inclinação ao “isolacionismo”, preferindo cuidar dos seus assuntos internos e deixar o resto do mundo resolver seus próprios conflitos. Essa tendência foi ocasionalmente interrompida quando o país, no governo de Theodore Roosevelt e mais tarde, acreditou que era seu “destino manifesto” intervir na América Latina, quando se tornou inescapável sua participação nas duas guerras mundiais e, no pós-guerra, mediante a intervenção nos conflitos nacionais e regionais relacionados com a disputa de poder com a URSS.

Com o fim da União Soviética, as intervenções militares americanas se tornaram impopulares no país e até a ameaça terrorista (o ataque a Nova York em 2001 e as posteriores invasões no Afeganistão e no Iraque) deixaram de ser uma motivação suficiente para recorrer ao seu poderio militar na escala necessária. Atualmente, as ameaças potenciais da China e da Rússia, não parecem - ao “establishment” e à opinião pública - justificar um tratamento mais relevante e prioritário.

É nesse contexto que se situam as tentativas de distanciamento dos Estados Unidos do Oriente Médio, procurando evitar ou moderar os conflitos para não ser arrastado a envolver-se com eles militarmente. A retirada do Afeganistão foi um dos



exemplos mais claros, assim como a política de Barack Obama, que defendeu uma “acomodação” dos países do Oriente Médio, sobretudo Arábia Saudita e Israel, com as ambições hegemônicas do Irã na região. Obama aceitou a hipótese de o Irã tornar-se uma potência atômica e montar a sua rede de forças militares e terroristas, satélites ou aliadas, na Síria, Líbano, Iraque e Iêmen. Com isso ficou claro a Israel e à Arábia Saudita de que não poderiam mais contar com a proteção americana tal como ocorrera até então.

A orientação de Obama na região foi continuada por Biden, que também manteve em postos-chave boa parte da equipe de política externa do governo anterior. Ademais, o Partido Democrata conta com os votos da maioria dos judeus americanos e de suas contribuições financeiras para as campanhas eleitorais e agora surgiu uma ala esquerdista e anti-israelense no partido, muito minoritária, mas bastante atuante, sobretudo junto aos eleitores e militantes mais jovens, de modo que não haveria razão para prever mudanças com a eventual vitória de Kamala Harris nas eleições de novembro.

A base de sua política na guerra atual consistiria, portanto, em continuar enviando armas a Israel, mas racionadas para evitar que possa causar danos muito substanciais ao Hezbolá (e ao Líbano) e, sobretudo, diretamente ao Irã. Restaria assim aos israelenses, para preservar suas vitais relações com os EUA, enfraquecer pelo menos o Hamas e o Hezbolá, sem, contudo, remover a ameaça perene que representam).

Secretário-Geral da ONU recusa os fatos

(Daniel Edelson, YNET News, 12.09; Danielle Greyman-Kennard, Jerusalem Post, 12.09)

Antonio Guterres declarou que a morte de 6 funcionários da UNRWA numa escola que abrigava militantes do Hamas e bombardeada por Israel foi “completamente inaceitável”. O embaixador de Israel na ONU respondeu: “O que é inaceitável é o fato do Secretário-Geral da ONU recusar-se a reconhecer a realidade e continuar a distorcê-la. Terroristas que operam numa estrutura civil usada pela UNRWA não são atores inocentes”. O Jerusalem Post informou que se tratou na verdade de 9 terroristas funcionários da UNRWA, devidamente identificados, sendo que seis deles participaram da invasão de Israel em 7.10.2023.

(N. da R.: Guterres pode também ser acusado de omissão por não denunciar que o Hezbolá viola há 18 anos a Resolução 1701/2006 do Conselho de Segurança ao manter militantes do Hamas entre o Rio Litani e a fronteira (linha azul) de Israel, área que deveria estar sendo ocupada por tropas da ONU (UNIFIL) e do exército libanês. Da mesma forma ignora que os reféns israelenses do Hamas estão sendo torturados e mortos e sequer recebem visitas da Cruz Vermelha, o que contraria igualmente o direito internacional.



A “parcialidade estrutural” da ONU contra Israel certamente explica a hipocrisia de Guterres, que não pretende contrariar a maioria dos países membros. Mas se tivesse caráter não se submeteria a esse triste papel).